

## O ADOLESCENTE E SUA RELAÇÃO COM A MÍDIA

### THE TEENAGER AND ITS RELATION TO THE MEDIA

<sup>1</sup>FAILLA, Silvio; <sup>2</sup>OLIVEIRA, FÁBIO SAGULA

<sup>1</sup>Discente do Curso de Psicologia – FIO-Faculdades Integradas de Ourinhos.

<sup>2</sup>Docente do Curso de Psicologia – FIO-Faculdades Integradas de Ourinhos.

#### RESUMO

O presente artigo científico se justifica considerando o fato de que a sociedade ao longo da história passou por inúmeras mudanças tecnológicas, que teve seu início com a invenção da tipografia e que provocaram uma série de modificações na forma do homem perceber o mundo. É bastante evidente, nos dias de hoje, a presença dos meios de comunicação no cotidiano das pessoas. Através desses meios de comunicação as notícias e informações relevantes ou não, acabam aparecendo diante de todos, numa intensidade antes nunca vista. Tais informações acabam por criar um estilo de vida, uma ideologia, uma forma de pensar, um comportamento que vão sendo adotados pela maioria das pessoas, sem que ao menos elas se dêem conta disso. Estamos falando, nesse caso, das mídias que nada mais são que um fenômeno tecnológico que influencia o homem e que atua em sua psiquê. É interessante observar que hoje em dia vivemos numa sociedade onde as mudanças ocorrem de maneira bastante rápida e os indivíduos são a todo tempo, "bombardeados" por todos os tipos de informação e, em razão desse excesso de informações, esses mesmos indivíduos, muitas vezes, acabam não conseguindo assimilar e refletir sobre esses conteúdos que lhe são transmitidos. Veja que essa dificuldade de assimilação e reflexão acontece com relação a todos os indivíduos, independente da faixa etária, mas é preciso considerar que na fase da adolescência essa dificuldade fica mais evidente em razão dos mesmos estarem num processo de busca de uma nova identidade.

Com relação a essa questão, é importante observar que o adolescente vive uma fase de grandes transformações, tendo em vista tratar-se de um período de transição da infância para a fase adulta. É muito comum, nesse período da adolescência, o indivíduo viver uma série de conflitos, uma vez que os valores até então internalizados eram aqueles advindos da família e que, a partir de agora, outros valores, vindos do mundo externo, passarão, também, a fazer parte da vida e a formar a psiquê do adolescente. Diante dessa realidade o adolescente acaba por viver a chamada crise de identidade, tão comum nessa fase da vida e que, de acordo com alguns autores, os torna em tese, um alvo fácil dos veículos de comunicação de massa, entenda-se mídias, e de suas técnicas de persuasão, técnicas estas que nada mais são que um mecanismo de convencimento que se utiliza de bases racionais, que é aquela que captura o indivíduo através de seu raciocínio lógico, e de bases irracionais que é aquela que captura o indivíduo pelo campo da subjetividade, e do afeto. Nosso objetivo com esse artigo científico é o de mostrar, dentro de um enfoque psicanalítico, como as mídias, nos dias de hoje, vem influenciando no desenvolvimento da psiquê do adolescente e até que ponto essa influência pode ser maléfica ou benéfica. Por tratar-se de uma pesquisa bibliográfica não é nossa intenção expressar nenhum tipo de juízo de valor. O que queremos é trazer o que pensa e a opinião de alguns autores que já estudaram sobre o referido assunto.

**Palavras-chave:** Adolescente. Mídia. Adolescente.

#### ABSTRACT

This scientific article is justified considering the fact that society throughout history has undergone numerous technological changes that began with the invention of printing, and that caused a lot of changes in the form of man to perceive the world. It is quite evident, these days, the presence of the media in the daily lives of people. Through these media news and information relevant or not, end up appearing before all, an intensity never seen before. Such information end up creating a lifestyle, an ideology, a way of thinking, behavior that are being adopted by most people, unless they are at least aware of it. We are talking, in this case, the media that are nothing more than a technological phenomenon that influences man and engaged in their psyche. It is interesting to note that today we live in a society where the changes occur quite rapidly and individuals are all the time, "bombardeados"

by all kinds of information, and because of this information overload , these same individuals often , end up failing to assimilate and reflect on those contents which are transmitted . See that this difficulty of assimilation and reflection happens with respect to all individuals , regardless of age , but it is necessary to consider that in adolescence this difficulty is more evident because the same are in the process of searching for a new identity. Regarding this issue, it is important to note that the teenager is in a phase of great change , with a view that it was a period of transition from childhood to adulthood. It is very common in this period of adolescence , the individual living a series of conflicts , since hitherto internalized values were those coming from the family and that , from now on , other values, coming from the external world , will also part of life and form the adolescent psyche . Given this reality the teen ultimately live the so-called crisis of identity, so common at this stage of life and that , according to some authors, in theory makes an easy target vehicles of mass communication , we mean media , and their techniques of persuasion, these techniques which are nothing more than a mechanism of persuasion that uses a rational basis, which is the one that captures the individual through his logical reasoning , and that irrational bases is one that captures the individual by the field subjectivity , and affection . Our goal with this research paper is to show, within a psychoanalytic view , such as the media , these days , has influenced the development of the adolescent psyche and the extent to which this influence can be harmful or beneficial. Because it is a literature is not our intention to express any kind of value judgment . What we want is to bring his thoughts and opinion of some authors who have studied on that subject.

**Keywords:** Adolescents. Media . Teenager.

## INTRODUÇÃO

### O ADOLESCENTE E SUA RELAÇÃO COM A MÍDIA

#### 1. Adolescente

A palavra adolescente vem do latim “Ad+olescere” que significa crescer para a vida. Trata-se de um período de transição, onde se dá a passagem da infância para a vida adulta. Nesse período há uma maturação corporal que é resultado do início da puberdade, unida a um período de grandes transformações psíquicas, transformações estas, que vão, em tese, preparar o indivíduo para a vida adulta.

No passado havia entendimento de que a adolescência estava diretamente ligada à questão da puberdade, dando-se ênfase, tão somente, a questão biológica. Esse tipo de pensamento fazia com que o olhar sobre o adolescente se voltasse apenas para a maturação corporal e a questão psíquica era deixada de lado.

Hoje, no entanto, entende-se que não basta, para entrar na vida adulta, somente o desenvolvimento biológico, entenda-se maturação corporal, pois é preciso que haja, também, um desenvolvimento psíquico.

É esse período que se chama adolescência, onde há uma maturação corporal, que é resultado do início da puberdade, que é basicamente um fenômeno biológico e que traz a possibilidade de procriação, unida a um período de preparação para a vida adulta que envolve, também, o desenvolvimento psíquico.

Não se pode esquecer, também, que o sistema ideológico vigente diz que o adolescente é um ser em desenvolvimento e em constante conflito consigo mesmo e com o mundo, e que vive uma crise de identidade em razão de mudanças corporais, fatores pessoais e conflitos familiares, e que se torna pronto para a vida adulta quando bem adaptado a estrutura da sociedade.

Do ponto de vista do mundo adulto, isto é, o sistema ideológico, o adolescente é um ser em desenvolvimento e em conflito. Atravessa uma crise que se origina basicamente em mudanças corporais, é considerado “maduro” ou “adulto” quando bem adaptado à estrutura da sociedade, ou seja, quando ele se torna mais uma “engrenagem” da máquina. (BECKER, 1994, p. 9).

O fato é que a adolescência é um período de grandes transformações que envolve mudanças corporais e psicológicas e que leva o indivíduo a uma nova forma de relação com a família e com o mundo que o cerca. Trata-se de uma fase onde acontece um processo de desprendimento que já começou com o nascimento, mas que se intensifica de sobremaneira nessa fase da vida.

É um período caracterizado por muitas contradições que envolve conflitos com o meio familiar e social e isso acaba por gerar dor e confusão de sentimentos no adolescente e que pode provocar algumas crises de identidade que, por muitas vezes, é confundido com estados patológicos.

É um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e social. Este quadro é freqüentemente confundido com crises e estados patológicos. (ABERASTURY, 1981, p. 13).

Pode se dizer que a adolescência é um período onde o equilíbrio da latência e a imagem corporal estabilizada acabam sendo colocadas em xeque. São processos que envolvem reordenamentos identificatórios, rompimentos e buscas de novos ideais. As atribuições de novos sentidos às experiências do cotidiano fazem com que o adolescente construa uma nova identidade. É o desenvolvimento da subjetividade que vem unida a uma série de confusões e conflitos bem característicos dessa fase.

Na adolescência o suposto equilíbrio da latência e a imagem corporal relativamente estabilizada são colocadas em questão. Reordenamentos identificatórios, atribuição de novos sentidos as experiências, rompimentos e buscas de idéias, enfim, todo um (re) desenvolvimento da vida subjetiva

apresenta-se com confusões e conflitos, mostrando-se na clínica com um espectro bastante vasto. (JORDÃO, 2008, p. 158).

Dessa forma, então, percebe-se que a adolescência se caracteriza como sendo um período de desestruturação e reestruturação do psiquismo. Tais processos ocorrem por tratar-se de um período de busca de auto afirmação e de identidade. É um período onde situações infantis e posturas adultas são à todo momento identificadas, pois ao mesmo tempo que o adolescente se sente adulto, ele também se sente criança. Isso acaba por gerar processos de regressões e progressões freqüentes. É o desejo de autonomia e liberdade unidos ao sentimento de medo e de insegurança. São as chamadas ambivalências.

As ambivalências são constantes e situações infantis mesclam-se com posicionamentos e posturas adultas num processo de progressões e regressões freqüentes. Aparece o desejo de autonomia e liberdade, fundidos com os temores e inseguranças decorrentes daí. (JORDÃO, 2008, p. 162).

O fato é que chega um momento na vida da pessoa que seu corpo está pronto para procriar, mas a cultura e a sociedade impõem que a pessoa ainda não é adulta, mas sim adolescente. Pressupõe-se que o corpo do adolescente já está formado, mas que psiquicamente ainda falta alguma coisa para que ele se torne adulto.

Trata-se, portanto, de um período de intensa vivência, pois esse indivíduo que já tem uma maturidade corporal, ainda não tem uma maturidade psíquica e isso faz com que ele viva em constante conflito consigo mesmo e com o externo e, diante desse quadro, o adolescente pode se tornar suscetível a manipulação e uma das ferramentas que podem provocar essa manipulação são as mídias.

A psicanálise, também, traz um conceito de adolescência, entendendo ser a mesma um fenômeno bio-psicológico-sexual, onde os aspectos sociais e culturais influem de maneira decisiva nas manifestações típicas da adolescência. Esses aspectos sociais e culturais estariam diretamente ligadas a questão da sublimação e repressão dos instintos sexuais.

Não se pode esquecer que o elemento sócio cultural influem de maneira decisiva nas manifestações da adolescência, mas é necessário considerar, também, que existe um embasamento psico-biológico que lhe dá característica universal.

Por essa teoria, então a adolescência, é considerada basicamente um fenômeno bio-psicológico sexual, onde os aspectos culturais e sociais entram só para atrapalhar, como se fossem elementos estranhos. Os interesses e as motivações dos adolescentes seriam simplesmente um resultado da sublimação e repressão dos instintos sexuais. (BECKER, 1994, p. 30).

Diante de toda essa dinâmica é preciso que se olhe o adolescente por um viés bastante amplo para que possamos entendê-lo melhor. Nessa perspectiva devemos incluir, não só as transformações biológicas e psicológicas, mas também o contexto social inserido, que, apesar de serem elementos estranhos ao fenômeno como a própria psicanálise entende, segundo BECKER (1994), influenciam de sobremaneira na psiquê e na forma de conduta do adolescente.

BECKER (1994) chama a atenção para o fato de que não existe somente uma adolescência, mas sim várias, pois, para ele, entendê-la como um fenômeno universal e algo bastante duvidoso, tendo em vista que esse conceito pode se modificar em razão de vários fatores como cultura, sociedade, condição social, família, etc.

Para se ter uma idéia desse fenômeno, o autor cita o fato de que uma criança pertencente a uma condição social menos privilegiada pode ser empurrada para a vida adulta muito mais cedo do que aquela criança pertencente a uma classe social mais privilegiada.

Ainda com relação a essa questão, convém salientar que, até mesmo em nossa sociedade, nem todo adolescente passa pelo mesmo processo, uma vez que muitos deles são obrigados, em razão da condição social, a entrar no mercado de trabalho prematuramente, o que nos permite dizer que o período da adolescência não é igual para todos, mesmo considerando uma mesma sociedade.

Diante disso percebe-se que mesmo em nossa cultura não existe um critério único para a passagem para a vida adulta. Podemos considerar o critério básico que diz respeito ao fator econômico, entenda-se classe social, mas ao mesmo tempo, não podemos desconsiderar o fato de que temos um critério mais geral que atinge a todos sem distinção de classe.

No caso de nossa cultura muito mais complexa, não é possível um ritual único de passagem para a fase adulta. O critério básico é o determinante econômico, e, assim, haverá condições diferentes de desenvolvimento de jovem para diferentes classes sociais. Mas, ao mesmo tempo, a cultura cria um critério mais geral, que atinge todos os níveis sócio-econômicos. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 296).

Diante de todas essas variantes observa-se que a sociedade obriga alguns jovens a entrar na fase adulta muito mais cedo, mas ao mesmo tempo considera esse jovem como sendo adolescente. Veja que há um paradoxo nessa forma de pensar e isso nos permite concluir que não existe a adolescência como sendo uma fase definitiva do desenvolvimento humano, mas sim um período de vida que apresenta características sociais que vão influenciar de forma direta na personalidade e identidade do jovem.

Falamos aqui sobre a possibilidade do fim prematuro da adolescência em função do jovem de condição social menos privilegiada ter que entrar mais cedo no mercado de trabalho, mas não podemos deixar de considerar que a adolescência pode, também, ser prolongada. Aliás, vale salientar com relação a essa questão do prolongamento da adolescência, que existe um termo inventado pela imprensa norte americana no ano de 1997 que é a palavra *adultescente*. Tal palavra já estava, naquele ano, incorporada a um glossário e estando prestes a ser adotada pelo New Oxford Dictionary of English.

“Atualmente, inclusive, é possível falar-se numa espécie de “adultescencia”, que seria o prologamento da adolescência na fase adulta”. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 296).

O New Oxford Dictionary of English pensa em definir a palavra *adultescente* como sendo aquela pessoa adulta que já está na meia idade e ainda mantém o estilo de vida característico da adolescência. Diante disso pode-se perceber o quanto a adolescência é uma idéia forte em nossa cultura; tão forte a ponto de seduzir até os adultos.

Como podemos perceber existem vários conceitos que envolve adolescência e isso acontece porque a adolescência é uma construção social e, tanto isso é verdade que existem algumas sociedades onde a adolescência nem existe e a criança já passa da infância direto para a fase adulta. Um exemplo desse tipo de sociedade são as dos nativos *trobriandeses*, que vivem em ilhas no noroeste da Nova Guiné na Oceania. Para essa tribo a adolescência nem existe.

O fato é que a forma de enxergar a adolescência varia muito e vai depender muito da cultura e de todo o contexto social em que o indivíduo está inserido, mas não podemos esquecer que existem alguns critérios que são universais e que

também definem adolescência. Estamos falando aqui da questão biológica que envolve o corpo e o físico do indivíduo.

Quanto às mudanças no nível físico, corporal do adolescente, até onde sabemos, elas são universais (com algumas e importantes variações). Mas o mesmo não acontece no nível psicológico e das relações do indivíduo com o ambiente. Sabemos que os padrões de comportamento são muito variáveis: de cultura para cultura, de grupo para grupo numa mesma cultura, e de indivíduo para indivíduo num mesmo grupo. (BECKER, 1994, p. 17).

É interessante observar, também, que o conceito adolescência, visto nos dias de hoje, é bastante recente, tendo em vista que até o século XVIII a adolescência era confundida com a infância. Naquela época, garotos de 13 a 15 anos eram chamados de crianças, mas também de adolescentes. A questão da limitação entre uma fase e outra era vista de forma diferente, sendo que o limite entre infância e adolescência estava mais ligada a dependência do ser humano do que, necessariamente, a questão da puberdade.

Com o surgimento e ascensão da burguesia, surgiu a chamada formação primária e secundária que provocou toda uma mudança na estrutura escolar. À partir de então se estabeleceu uma relação intrínseca entre a idade e a classe escolar, e a adolescência passou a ser mais bem definida e distinguida de outras faixas etárias.

Um outro fator que merece destaque é que a importância que é dada a adolescência nos dias de hoje, também, surgiu num passado bem recente. Até pouco tempo ser jovem, ser adolescente era uma fase que deveria durar pouco tempo para que o indivíduo se tornasse adulto o mais breve possível. Hoje em dia, no entanto, ser jovem, ser adolescente, é algo que deve ser exaltado, preservado, e até, se possível, prolongado. As mídias contribuem muito para esse prolongamento da adolescência.

Essa mudança na forma de pensar adolescência vem ocorrendo porque a juventude se transformou num enorme mercado de consumo e existem inúmeros produtos criados, fabricados e com publicidade feitas, exclusivamente, para adolescentes.

Um outro fator que merece nossa atenção, e que tem relação com essa questão do tempo de duração do período da adolescência, diz respeito a estruturação dessa adolescência. Muito dessa estruturação se deve a condição social e a cultura vivida pelo adolescente.

Com relação a questão cultural é importante observar que existem no mundo várias culturas e que isso vai influenciar na forma de se enxergar a adolescência.

Veja que os padrões de vida e educação não são únicos e nem universais. Para se ter uma idéia disso vale ressaltar que em Samoa, por exemplo, a estrutura da adolescência é bem diferente desta vista em nossa realidade social e cultural. Lá não existe os conflitos inerentes a crise de adolescência.

“Em Samoa, o adolescente parece que não enfrenta conflito morais, ideológicos, psicológico. Não existe lá o que chamamos de crises de adolescência”. (BECKER, 1994, p. 6).

O fato é que muitos tentam definir adolescência, mas observe que ela não tem uma definição precisa. Trata-se de uma fase que vem depois da infância e que acaba com a chegada da juventude. Há quem afirme que a adolescência é uma fase entre os 12 e 18 anos.

A primeira condição dos autores é de que as palavras adolescente e juventude não têm uma definição precisa. Vários estudiosos dizem que a adolescência é uma fase que vem depois da infância e antes da juventude. Chegam a afirmar que adolescência começa por volta dos 12 anos e termina por volta dos 18 anos. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 291).

A grande questão é que não existe nenhum critério que defina com exatidão o que vem a ser adolescência, nem mesmo quando ela começa e termina. O que se sabe, e entende-se, é que um indivíduo é tido como adulto quando ele se ajusta perfeitamente a sociedade e encontra sua posição e seu papel dentro dessa mesma sociedade sob a qual está inserido. A única coisa que se sabe é que é uma fase que vai da puberdade à fase adulta.

Toda essa dificuldade de definição acontece porque, como já dissemos anteriormente, o conceito adolescência é derivado da estrutura sócio-econômica, o que nos permite afirmar que não se tem adolescência, mas sim adolescentes.

O fato é que não há um critério claro que defina a fase que vai da puberdade até a idade adulta. Essa confusão acontece porque a adolescência não é uma fase natural do desenvolvimento humano, mas sim derivado da estrutura sócio econômica. Em outras palavras, nós não temos adolescência e sim adolescentes. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 294).

Diante disso, podemos concluir que essa etapa da vida não faz parte da constituição do indivíduo, mas é, na verdade, construídos pela cultura. Trata-se de uma fase que poderíamos dizer que foi criada, inventada pela cultura e, a partir daí, fica difícil de se definir de forma cronológica quando começa e quando termina a adolescência. Aliás com relação ao início e término da adolescência há



entendimentos que ela começa quando do término da infância e termina quando o jovem adolescente demonstrar ter adquirido conhecimento suficiente para que ele possa adentrar no mundo adulto e constituir família.

Por tudo isso, podemos concluir que fica difícil estabelecer um critério cronológico que defina a adolescência ou um critério de aquisição de determinadas habilidades, como ocorre com o desenvolvimento infantil. Dá-se o nome de adolescência ou juventude à fase caracterizada pela aquisição de conhecimentos necessários para o ingresso do jovem no mundo do trabalho e de conhecimentos e valores para que ele construa sua própria família. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 294).

O fato é que a adolescência deve ser vista como sendo um processo universal de troca, de desprendimento, mas que será influenciada por circunstâncias externas, peculiares de cada sociedade.

Observamos que é na adolescência que o indivíduo começa a fazer suas próprias escolhas de forma mais livre, e escolher é uma tarefa bastante difícil, pois ao optar por uma coisa, muitas vezes, se perde outras e isso pode gerar, no adolescente, uma certa angústia.

Ainda com relação a essa questão das escolhas, não se pode esquecer que escolher é um privilégio que não se deve abdicar. As alternativas existem para serem escolhidas e as melhores escolhas são aquelas pautadas na crítica e na reflexão. Não se pode deixar de escolher, pois só assim o adolescente vai participar de forma ativa da vida, não só como indivíduo, mas, também, como membro da sociedade.

Existem algumas características que são bastante peculiares à fase da adolescência. KNOBEL (1981) faz uma síntese dessas características da adolescência a qual ele chamou de "Síndrome Normal da Adolescência". Dentre essas características ele cita e enumera: 1) a busca de si mesmo e da identidade; 2) a tendência grupal; 3) a necessidade de se intelectualizar e fantasiar; 4) as crises religiosas que vão do ateísmo intransigente ao misticismo fervoroso; 5) a deslocalização temporal; 6) a evolução sexual manifesta; 7) a atitude social reivindicatória; 8) a separação progressiva dos pais; 9) as flutuações de humor e estado de ânimo; 10) as contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta.

Com relação à crise de identidade, trata-se de uma característica bem marcante dessa fase da vida e que ocorre em função dos lutos e das perdas que o

adolescente vivencia e que acabam por gerar grandes conflitos no sentido de que, muitas vezes, ele não sabe quem ele é, se adulto ou criança.

Nessa fase o adolescente começa a fazer reflexões sobre o mundo e passa a não aceitar mais tudo que lhe é imposto. A partir de então surge as crises de identidade.

Nesse período, de crise de identidade, é muito comum a formação de tribos, onde o adolescente vai buscar modelos identificatórios.

“O grupo, então, ajuda o indivíduo a encontrar a própria identidade num contexto social. No grupo existe uma certa uniformidade de comportamento, de pensamento, de hábitos”. (BECKER, 1994, p. 43).

Durante essas crises de identidade é comum ao adolescente viver um certo tédio que por muitas vezes é confundido com patologia, mais precisamente depressão, e à partir daí medica-se o adolescente. É preciso que se tome cuidado com esses tipos de diagnósticos.

Uma outra característica marcante da adolescência diz respeito a atitude social reivindicatória. Sobre essa característica é importante ressaltar que as primeiras identificações advêm da família, e, posteriormente, com grande intensidade, na fase da adolescência, vem aquelas identificações oriundas do meio social e que vão influenciar de sobremaneira no processo de identidade do adolescente, ou seja, em sua *psiquê*. Dentre essas identificações do meio social, que vão influenciar na forma do adolescente enxergar o mundo, temos as mídias.

Uma outra característica bastante interessante, dessa fase da adolescência, diz respeito a separação progressiva dos pais. Trata-se de uma fase em que o indivíduo já começa a se preparar para viver sozinho. Nessa fase pode acontecer dos pais tentarem uma certa infantilização dos filhos numa tentativa de fazer com que os filhos não cresçam. Veja que essa fase da família adolescente é difícil não só para o adolescente, mas, também, para seus pais que, muitas vezes, tem dificuldade de aceitar que o filho está crescendo.

É importante nessa fase que os pais busquem se desprender do filho criança, e evolua para uma relação com o filho adulto.

“Também os pais têm que se desprender do filho criança e evoluir para uma relação com o filho adulto, o que impõe muitas renúncias de sua parte”. (ABERASTURY, 1985, p. 15).

É típico, também, dessa fase da adolescência, as flutuações de humor e de estado de ânimo. É comum, nessa fase, ver o indivíduo passar de um estado eufórico de encantamento para um estado de desânimo sem um motivo aparente que possa justificar tal mudança de comportamento. Toda essa inconstância, muitas vezes, é motivo de preocupação para a família do adolescente, mas veja que esse tipo de comportamento é bastante normal e tem relação intrínseca com a questão da agressividade e da intolerância, elementos que por incrível que possa parecer são de suma importância no processo de identificação do adolescente.

É comum, também, ao adolescente, apresentar contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta. Com relação a essa característica é conveniente observar que o pensamento do adolescente só é controlado quando se transforma em ação e, por essa razão, ele não consegue ter uma linha de conduta rígida, o que lhe confere uma certa alteração de personalidade. Isso faz com que ele, num determinado momento, não acredite em nada a não ser nele mesmo e, noutros momentos, ele acredita em tudo, tornando-se um alvo fácil das ideologias vigentes. Veja que as mídias se aproveitam muito dessas contradições, vividas pelo adolescente, para influenciar na *psiquê* desse adolescente.

Uma outra característica bastante inerente a essa fase da adolescência diz respeito as crises religiosas. Aqui ou o adolescente acredita demais em Deus ou o nega totalmente. Veja que trata-se de um comportamento extremado, tendo em vista que o adolescente tem muita dificuldade de achar um meio termo.

Ainda com relação a essa característica, veja que elas são bastante marcadas, mas em compensação o adolescente muda de opinião com muita frequência sem que haja um motivo plausível que justifique tal mudança. Isso acontece em razão das flutuações do mundo interno. Essas flutuações são uma espécie de crise que serve para resolver suas angústias, numa tentativa de identificação.

Temos, também, nessa fase da adolescência, a questão da evolução sexual. Nesse momento o adolescente sai da relação com o próprio corpo e dirige sua libido para o outro. Nessa fase, o adolescente já começa a querer intervir no mundo dos adultos.

Nessa fase acontece, também, o chamado amor apaixonado que apresenta vínculos intensos, porém muito frágeis. Trata-se de um amor idealizado que geralmente vem para substituir as figuras parentais.

É típico nessa fase a chamada curiosidade sexual. As mídias de uma forma geral se aproveitam muito dessa curiosidade dos adolescentes.

Uma outra característica, dessa fase da adolescência, é a necessidade que o adolescente tem de intelectualizar e fantasiar. Essa característica vem muito em função das perdas, dos lutos e das renúncias que o adolescente tem que vivenciar e que lhe gera um sentimento de fracasso e impotência com relação à realidade externa.

Em função disso o adolescente acaba por fantasiar e intelectualizar numa espécie de defesa frente às agressões do mundo externo. Tais atitudes acabam por gerar comportamentos revolucionários que tem por objetivo transformar o mundo exterior.

É próprio do adolescente, também, a chamada deslocalização temporal. O adolescente, muitas vezes, tem uma outra forma de pensar o tempo, pois, para ele, coisas que tem caráter de urgência podem ser deixadas para depois e coisas que podem ser deixadas para depois tem caráter de urgência. Esse tipo de comportamento é uma tentativa do adolescente manejar o presente, o passado e o futuro que, para ele, muitas vezes é uma coisa só. Todo esse comportamento do adolescente é uma espécie de defesa, uma espécie de elaboração dos lutos que vivencia.

## **2. Mídia**

Termo que advém do inglês “mas media” e que significa meios de massa ou meios de comunicação de massa.

Esses meios de comunicação de massa ganharam uma importância formidável nos últimos tempos e há quem entenda já se tratar de um 4º poder.

Os meios de comunicação de massa ganharam uma importância formidável nos últimos tempos. Não é por acaso que alguns chamam a imprensa de “o quarto poder”. Trata-se de uma alusão à importância que a difusão da informação ganhou no mundo contemporâneo. (BOCK; FURTADO. TEIXEIRA, 1999, p. 276).

Becker (1994) traz um paradoxo na relação mídia/adolescente, dizendo que por mais que haja uma liberação dos costumes nos dias de hoje, ainda se restringe muito a atividade sexual do adolescente, mas, por outro lado, essa mesma sociedade tem estimulado muito essa mesma sexualidade através dos veículos de comunicação de massa. O autor cita como exemplo a TV que traz propagandas e

filmes com conteúdos apelativos e pornográficos que prejudicam o desenvolvimento afetivo do adolescente que se vê incentivado a uma atividade sexual deturpada e preconceituosa.

Becker (1994) fala, também, sobre a questão da ideologia passada pelas mídias que transforma valores, estabelece normas e padrões culturais e que indica um modo de vida que deve ser vivido e que o adolescente acaba por adotar essa ideologia para ser reconhecido e conquistar seu espaço no meio social. O autor chama a atenção, também, para o fato de que essa ideologia, trazida pela mídia, torna as idéias universalizadas e, em consequência disso, surge a alienação.

“É possível que estejamos caminhando para um mundo semelhante, através das técnicas de manipulação dos meios de comunicação, do avanço do controle pela informática” (BECKER, 1994, p. 64).

BECKER (1994) diz, no entanto, que esse processo não é irreversível, pois através da conscientização, da reflexão e do questionamento crítico, o indivíduo pode passar de sujeito passivo para sujeito ativo, passando de um simples consumidor a criador.

Com relação a adolescência, percebe-se que hoje em dia, a cultura busca prolongar ao máximo essa adolescência, pois ela se transformou num excelente mercado de consumo com a publicidade voltada exclusivamente para esse tipo de consumidor. O mundo adulto busca manipular o adolescente através dos meios de comunicação, criando ídolos e mitos e fazendo com que esses adolescentes pensem e se comportem de acordo com os interesses desse mundo adulto.

A TV, por exemplo, nos coloca num transe hipnótico, colocando as idéias em nossa cabeça sem que a gente perceba. É daí que nasce o individualismo, a aceitação à violência, o consumismo, o machismo, os preconceitos sociais e muitas outras coisas. Tudo nos é vendido junto com bebidas, roupas e carros. Veja que um anúncio não vende apenas um produto, mas um estilo de vida. Isso tudo contribui para a formação da identidade do adolescente, mas vale lembrar que alguns sobrevivem a esse massacre midiático, assumindo uma postura de protesto e aqueles que não sobrevivem ao massacre, acabam se transformando numa massa amorfa e moldável, da forma como deseja o sistema, transformando o adolescente, no melhor e maior consumidor da história. Para confirmar isso basta observar que o consumismo se disseminou e junto com ele veio a futilidade, o descompromisso, a alienação.

São os adolescentes se comportando de acordo com o que dita a norma e se transformando num verdadeiro exército.

“A TV é igual ao jovem e o jovem é igual a TV. Não se sabe mais quem copia quem. E se não imitar, dançou.” (BECKER, 1994, p. 84).

Colonnese (1997), por sua vez, fala sobre estudos feitos que comprovaram que a TV é uma das participantes no desencadeamento patológico nos quais o psiquismo do sujeito pode apresentar severo comprometimento. A autora questiona o fato de que a TV raramente esclarece, conscientiza, divulga valores e comportamentos vinculados ao humanismo e a democracia, mas, tão somente, exaltam o ideal do fim do século que é o consumo.

Levisky (1997) chama a atenção com relação aos processos de identificação, trazidos pela mídia, que nos faz vivenciar, com grande intensidade, algo que nos é familiar e que, por isso, não é de se estranhar que músicas, filmes e novelas nos toquem profundamente. É a chamada herança psíquica. Freud já se preocupava com essa herança cultural, conforme bem expressa a autora:

“O próprio Freud, apesar de não usar essa terminologia, já se preocupava em seus trabalhos, com a questão da herança psíquica, social, religiosa e cultural da humanidade”. (LEVISKY, 1997 p.176).

Bock; Furtado; Teixeira (1999) chamam a atenção com relação aos temas polêmicos veiculados pela mídia, dizendo que é preciso ter cuidado no sentido de observar a forma como a mensagem é passada e a quem interessa tal mensagem. É preciso que se avalie de forma crítica, a mensagem, para que não nos tornemos massa de manobra. Comerciais que passam uma vida feliz e perfeita, muitas vezes, tem por objetivo capturar a subjetividade do sujeito, através da persuasão.

Segundo BOCK; FURTADO; TEIXEIRA (1999) a persuasão é o mecanismo mais utilizado pelos veículos de comunicação de massa e trata-se de uma técnica de convencimento que ultrapassa as bases racionais da difusão de uma mensagem e, ultrapassadas as bases racionais entraremos nas bases irracionais, onde o indivíduo é capturado pelo campo da subjetividade e do afeto.

Uma técnica, muito comum, utilizada pelas mídias, de base irracional, é relacionar o produto com posição social. Veicula-se um clima encantador, de riqueza, e de felicidade eterna, e o associa com o produto que se quer vender.

“A publicidade apresenta-nos intensa e continuamente a oferta do paraíso e de ascensão social ao mesmo tempo em que a sociedade, através das

restrições da cultura torna remotas as possibilidades de que tal paraíso seja alcançado”. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 281).

Uma outra forma de capturar o telespectador é o recurso da linguagem. Nesse caso a forma de linguagem induz o ouvinte a achar que aquele produto é o melhor e que não é possível viver sem ele. É a cultura do consumismo.

Existem, também, as propagandas ideológicas que trabalham com conteúdo ideacionais, com crenças que procuram alterar o campo cognitivo das pessoas. Nesse caso as propagandas passam uma idéia hedonista, tentando fazer o indivíduo acreditar que se ele comprar um determinado produto ele vai ser feliz para sempre.

Pontes (2002) entende que na sociedade midiática, desde a infância, o indivíduo é encantado pelo espetáculo veiculado pelas mídias que, na opinião do autor, veta a capacidade cognitiva em troca de uma falsa ilusão de prazer e fantasia.

O mesmo autor diz, ainda, que numa sociedade como a nossa, com uma cultura profundamente marcada pela influência das mídias, ser criança, adolescente, adulto ou idoso é determinado por múltiplos interesses que são divulgados e perpetuados por essas mídias. Assim sendo o homem deixa de ser homem e passa a ser consumidor.

Por outro lado, entende Pontes (2002), que as mídias podem, também, contribuir para o desenvolvimento do indivíduo, no sentido de lhe proporcionar um lazer saudável e uma formação autônoma e crítica, desde que ela sirva para a divulgação de informação e de esclarecimento, sempre voltada a construção do conhecimento.

É importante ressaltar que as mídias nos trazem informações sobre tudo o que acontece no mundo e nos indica sobre o que comprar, o que é bom, o que é ruim e desviante. Veja que a maior parte do conhecimento que temos sobre o mundo é mediado.

Diante do exposto, conclui Pontes (2002), que não é a ferramenta mídia que é ruim, mas sim a forma como, às vezes, se lida com essa ferramenta. É preciso saber “filtrar” as informações e para isso é imprescindível que se use da reflexão, do espírito crítico e do bom senso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, o adolescente vivencia a chamada crise de identidade, tão comum nessa fase da vida e que, de acordo com alguns autores, os torna em tese, um alvo fácil dos veículos de comunicação de massa, entenda-se mídias, e de suas técnicas de persuasão, técnicas estas que nada mais são que um mecanismo de convencimento que se utiliza de bases racionais, que é aquela que captura o indivíduo através de seu raciocínio lógico, e de bases irracionais que é aquela que captura o indivíduo pelo campo da subjetividade e do afeto.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. **Adolescência normal. Um enfoque psicanalítico: O adolescente e a liberdade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- BECKER, D. **O que é adolescência.** 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOCK, A.N.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. **Uma introdução ao estudo de psicologia.** São Paulo: Saraiva, 1999.
- COLLONESE, F. **A adolescência.** Pelos Caminhos da Violência. As interferências da Mídia no Processo de Identificação do Adolescente, (Cap. XII). 1ª Edição. Editora: Casa do Psicólogo. São Paulo, 1997.
- KNOBEL, M. **Adolescência normal, um enfoque psicanalítico: A síndrome da adolescência normal.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- LEVISKY, R.B. **Pelos Caminhos da Violência.** O que a Sociedade Atual Espera dos Jovens. O que os Jovens Esperam da Sociedade. Um Grupo de Reflexão. (Cap. XIII). 1ª Edição. Editora: Casa do Psicólogo, São Paulo, 1997.
- JORDÃO, A. B. **Vínculos familiares na adolescência: Nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes.** Aletheia 27 (1), p. 157-172, jan/jun 2008. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942008000100012&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942008000100012&script=sci_arttext)
- PONTES, A. **Infância, Cultura Industrial e Mídias.** Implicações Constitutivas. Texto extraído de Colabor @\_RevistaDigital da CVA, Volume 1, Número 3, fevereiro de 2002.